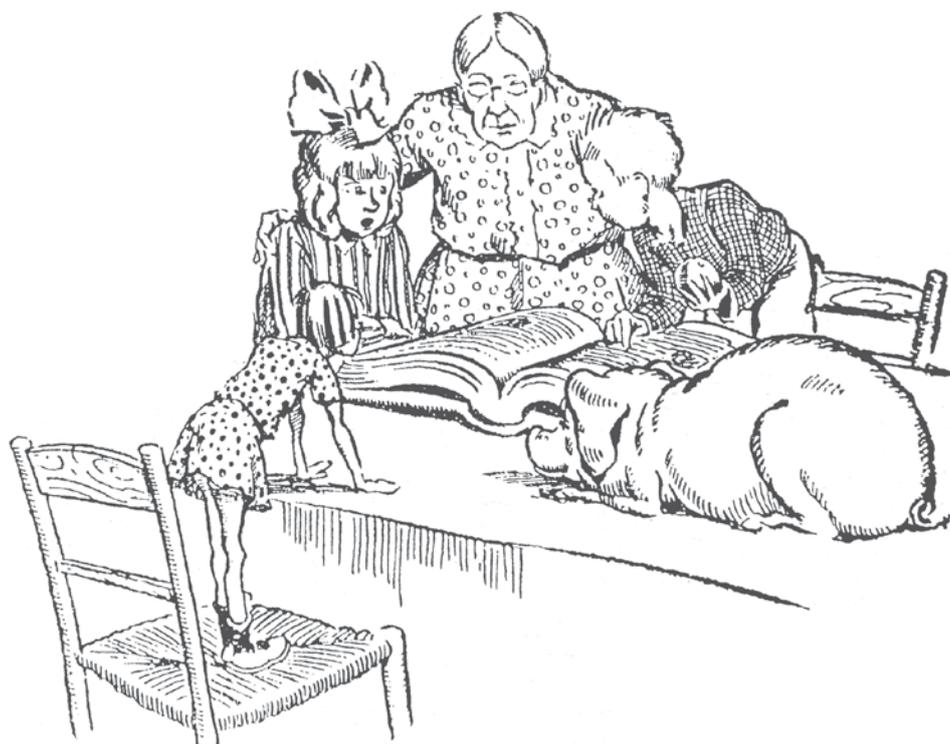


MARISA LAJOLO

Monteiro Lobato

U M B R A S I L E I R O S O B M E D I D A



Elaboração: Tom Nóbrega

Coordenação: Maria José Nóbrega

SOBRE A AUTORA

Marisa Lajolo nasceu em São Paulo, em 1944. Kursou Letras na Universidade de São Paulo, onde também concluiu o mestrado e o doutorado. Fez pós-doutorado na Brown University, nos Estados Unidos. Foi professora Titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Com o apoio do CNPq e da Fapesp, coordena o projeto Memória da Leitura (<http://www.unicamp.br/iel/memoria>). Publicou vários livros e artigos em revistas especializadas no Brasil e no exterior, além de ter organizado inúmeras antologias. Atualmente leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RESENHA

Nascido em Taubaté, Monteiro Lobato, batizado com o nome de José Renato, já aos onze anos mudaria seu nome para José Bento, para que suas iniciais fossem as mesmas das letras de ouro incrustadas na bengala que herdaria do pai. Neto de um fazendeiro abastado do interior paulista, o Visconde de Tremembé, segue a trajetória dos jovens da aristocracia brasileira e cursa Direito na prestigiosa Faculdade do Largo de São Francisco. Mais tarde, já casado com Purezinha, passa a publicar contos, matérias e charges em diferentes jornais e revistas. Poucos anos depois, com a herança do avô, torna-se um grande proprietário de terras.

Em 1914, escreve os raivosos contos que o tornariam famosos: *Velha Praga* e *Urupês* que lançam o personagem Jeca Tatu, retrato nada lisonjeiro das populações nativas e caboclas do Brasil. Após vender sua fazenda e mudar-se para São Paulo, publica no jornal *O Estado de S. Paulo* uma demolidora crítica à obra de Anitta Malfatti, inaugurando uma inimizade histórica com Oswald de Andrade e os modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922.

Pouco depois, compra a *Revista do Brasil* e inicia uma bem-sucedida carreira de editor de livros. Em sua segunda editora, começa a publicar as obras de literatura infantil que o tornariam célebre com o lançamento dos livros do *Sítio do Picapau Amarelo*. Prestes a mudar-se para os Estados Unidos, escreve *O choque de raças* ou *O presidente negro*, obra recusada pelos editores norte-americanos por seu chocante retrato futurista do conflito racial, que terminava com a esterilização da população negra. No período em que vive em Nova Iorque, não esconde seu fascínio pela cultura norte-americana – chega a especular na Bolsa de Valores, mas acaba quebrando junto com ela em 1929 e retornando ao Brasil.

De volta ao país, inicia uma série de tentativas fracassadas de investir em empresas de petróleo, e acaba sendo preso depois de indispor-se com Getúlio Vargas. Depois de liberto, muda-se para a Argentina, mas seu “exílio voluntário” (palavras de Marisa Lajolo) lhe pesa e retorna em pouco tempo ao Brasil. Morre um ano depois da publicação de *Zé do Brasil*, seu último texto.

Em *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, Marisa Lajolo nos mostra como é impossível debruçar-se sobre a trajetória do escritor Monteiro Lobato sem estudar também sua carreira como editor. “Monteiro Lobato avança com o capitalismo”, comenta a autora, a certa altura do livro: a ambição financeira e o empreendedorismo parecem orientar as escolhas do escritor/editor durante praticamente toda a sua vida. Lajolo ressalta a engenhosidade de Lobato para reconhecer nichos de mercado (como escolas e farmácias, por exemplo) e inovar nos *designs*, formatos, materiais das obras e, em

especial, na sua forma de distribuição, intuindo que era preciso ir além das (poucas) livrarias do Brasil da época. É à ambição financeira que a autora atribui a escrita de alguns de seus textos mais controversos, como *Choque de raças* ou *O presidente negro*, optando por não se debruçar, nesta biografia, sobre os debates a respeito do racismo na obra lobatiana.

Lajolo comenta o que chama de *desencontro* entre Monteiro Lobato e os modernistas paulistas da Semana de 22 (da crítica à obra de Anita Malfatti ao fato do autor ter-se mostrado contrário à fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo), mas reconhece pontos em comum entre ambos, comentando como, nas obras do *Sítio do Picapau Amarelo*, o autor se apropria *antropofagicamente* tanto de personagens de contos de fadas europeus quanto de personagens de autores de literatura infantojuvenil que eram seus contemporâneos, como Lewis Carroll e James Barrie. Para Lajolo, na última obra do autor, *Zé do Brasil*, há sinais de simpatia por Luís Carlos Prestes que podem sugerir uma auto-crítica e um reposicionamento político do escritor ao final de sua vida, levando-o a rever, por exemplo, seu retrato da população cabocla brasileira em Jeca Tatu.

QUADRO SÍNTESE

Gênero: Biografia.

Palavras chave: Empreendedorismo, literatura, editoração, ambição, petróleo, polêmica, modernismo.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Artes.

Competências Gerais da BNCC: 6. Trabalho e projeto de vida, 7. Argumentação.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Educação ambiental; Educação financeira e fiscal.

Público-alvo: Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

ANTES DA LEITURA

1. Mostre aos alunos a capa do livro. É bem provável que boa parte deles tenha ouvido falar de Monteiro Lobato e tido algum contato com suas obras. Pergunte se conhecem os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*. Se a resposta for afirmativa, pergunte quais são as memórias deles a respeito desse universo?
2. Chame atenção para o subtítulo do livro: *Um brasileiro sob medida*. Como os alunos compreendem a expressão “sob medida”? Propo-

nha que, em duplas, escrevam um pequeno parágrafo em que discorram a respeito das características que esperariam encontrar em um brasileiro assim.

3. Leia com a turma o texto da quarta capa, que apresenta uma pequena sinopse do livro e uma biografia de Marisa Lajolo. Será que a sequência de adjetivos do primeiro parágrafo apresenta algo em comum com a descrição que os estudantes acabaram de escrever a respeito do que seria *um brasileiro sob medida*?
4. Proponha aos alunos que visitem o *site* do projeto Memória de leitura, organizado por Marisa Lajolo e Marcia Abreu, em que é possível encontrar uma série de informações interessantes a respeito da história da leitura e do livro no Brasil, incluindo *links* para fontes de pesquisa, transcrições de documentos históricos e iconografia sobre o assunto.
5. Chame a atenção da turma para as reproduções de capas de obras do *Sítio do Picapau Amarelo* estampadas nas primeiras páginas do livro: será que os alunos reconhecem os personagens? Veja se notam como as páginas 5 e 10 reproduzem selos de 1973 com imagens de personagens do Sítio.
6. Leia com os alunos o texto de apresentação da obra, *As medidas desse livro*, nas páginas 9, 10 e 11, em que Marisa Lajolo conta como a relação com Monteiro Lobato marcou sua vida desde que começou a receber livros do *Sítio do Picapau Amarelo* a cada vez que saía do consultório do dentista durante um tratamento odontológico e como sua relação com o autor foi se transformando e amadurecendo com o passar do tempo. A autora comenta que Lobato é um nativo de Áries: é bem provável que alguns dos alunos tenham alguma familiaridade com os signos do zodíaco – deixe que compartilhem informações a respeito.
7. No antepenúltimo parágrafo do texto de apresentação, Marisa Lajolo afirma: “São sempre as mesmas cartas, as mesmas obras e as mesmas informações, mas por milagre da paixão e da linguagem, quando cruzadas com seu contexto, as pesquisas sugerem e condimentam apaixonadas polêmicas: Monteiro Lobato foi ou não foi comunista? E como é que ele se dava com Mário de Andrade? O dinheiro que em 1929 ele perdeu na Bolsa de Nova Iorque era dele ou não? Ele era racista?”. Comente com os alunos como, nessa passagem, a autora explica que as principais fontes de pesquisa, compartilhadas por ela e outros biógrafos, podem ser lidas e interpretadas de diferentes formas por diferentes pesquisadores, a depender do enfoque da

investigação. Ressalte ainda como as perguntas sintetizadas como “polêmicas” envolvendo o autor já adiantam que a relação dele com o contexto histórico envolve questões éticas e políticas complexas e, no mínimo, controversas.

DURANTE A LEITURA

1. Veja se os alunos notam como, na primeira página de cada capítulo, encontramos o número do capítulo em questão, em uma fonte de tamanho bastante grande, em vermelho, e um selo com um sombreado da mesma cor com uma imagem do Visconde de Sabugosa surgindo das páginas de um livro.
2. No decorrer do livro, a autora se refere a imagens de capas de livros, cenas de filmes, *fac símiles* e outros documentos relevantes que aparecem impressos no centro do livro, da página 37 a 52. Estimule os alunos a visitar essas páginas a cada vez que a autora nos remete a elas e a observá-las com atenção: afinal, as imagens são documentos históricos tão importantes quanto textos escritos.
3. No decorrer do texto, existem ainda notas de rodapé numeradas que podem ser lidas ao final do livro, na página 98. Elas fornecem esclarecimentos a respeito das referências utilizadas pela autora e dão indicações de outros textos que versam sobre a obra de Lobato em que é possível aprofundar as questões abordadas pelo livro.
4. Como Marisa Lajolo indica em seu texto de apresentação, as cartas escritas por Lobato constituem o principal material que lhe permite reconstituir o percurso de vida do autor. Por conta disso, trechos de cartas aparecem no decorrer de toda a obra, destacados do restante do texto, em uma fonte que remete à caligrafia escrita. Proponha aos alunos que prestem especial atenção a esses fragmentos e aos pontos que a autora escolhe destacar de cada um deles.
5. Além das cartas de Lobato, Marisa Lajolo também faz referência a fragmentos de entrevistas, crônicas e outros textos do próprio Lobato ou de outros autores. Veja se os alunos percebem que esses fragmentos, assim como as cartas, também aparecem diagramados com uma fonte diferente do corpo do texto; nesse caso, porém, opta-se por uma fonte mais impessoal, que não remete à caligrafia.
6. Como a própria autora indica no texto de abertura, é um desafio abarcar com um texto o desenrolar de acontecimentos de uma vida. Para que os alunos não se percam, diga a eles que es-

tenham atentos aos indicadores de espaço e tempo fornecidos no decorrer da biografia. Proponha que utilizem um aplicativo como o *Google Maps* para localizar as cidades onde Lobato viveu, prestando atenção à distância entre elas. Sugira que consultem a excelente linha do tempo disponível entre as páginas 86 e 91, em que encontramos, do lado esquerdo, a cronologia dos eventos da vida do escritor e, do lado direito, acontecimentos relevantes da história do Brasil.

7. Diga aos alunos que estejam atentos aos outros personagens históricos mencionados no texto, que aparecem como interlocutores e/ou opositores de Monteiro Lobato, como Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Getúlio Vargas e Luís Carlos Prestes.

DEPOIS DA LEITURA

1. A carreira de Monteiro Lobato como homem de letras decola a partir da publicação de dois textos que Marisa Lajolo qualifica de “raivosos”: *Velha praga* e *Urupês*. Em ambos, Lobato retrata a população indígena e cabocla brasileira de modo bastante negativo e depreciativo. Em *Urupês*, lança um personagem que se tornaria uma alegoria muito presente no imaginário brasileiro: o Jeca Tatu, figura que reforça o estereótipo do homem do campo como alguém preguiçoso, “a vegetar de cócoras, incapaz de evolução”. Realize uma leitura crítica de *Urupês* com os alunos, e em seguida assista com eles ao vídeo em que Daniel Munduruku desconstrói a associação do indígena com a preguiça e discorre sobre o *bem viver indígena*, disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=jDMUg7LPixM>> (acesso em: 10 set. 2020), e ao documentário *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias falam um pouco sobre seus modos de vida, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w>> (acesso em: 10 set. 2020). Será que a *Lei do menor esforço*, que Lobato atribui a Jeca não pode ser entendida como uma compreensão equivocada de uma visão de mundo que não compartilha da agressiva lógica de produtividade do capitalismo?
2. O personagem Jeca Tatu tornou-se especialmente célebre após ser retratado por Amácio Mazzaropi, que acumulava funções de ator, produtor e, ocasionalmente, roteirista e diretor, em uma série de 32 longas metragens que foram um enorme sucesso de público e que transformaram Jeca em um carismático personagem cômico,

jogando com estereótipos conservadores ligados ao do universo do campo. Assista com os alunos à cena em que Mazzaropi canta a modinha “Tristeza do Jeca”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=34nFnfD8AeQ>> e selecione algumas cenas do personagem na longa *Legal Paca*, disponível no Youtube: <www.youtube.com/watch?v=dILfLzSWjpu> (acessos em: 10 set. 2020).

3. No capítulo 4, Marisa Lajolo refere-se a um episódio que iniciou o que chama de um *desencontro histórico*: a crítica desfavorável escrita por Monteiro Lobato em 1917 a uma exposição de Anita Malfatti, jovem artista que incorporava em suas telas muito da experimentação com cores e formas que havia descoberto no modernismo europeu e cujos trabalhos contrastavam com o academicismo que predominava até então na arte brasileira. O jovem Oswald de Andrade, ao contrário, defende o modernismo de Anita, assumindo, de alguma maneira, o papel de antagonista. Isso acaba contribuindo, indiretamente, para a formação do grupo que desembocará na Semana de Arte Moderna de 1922. Para que os alunos acompanhem essa história com mais detalhes, e conheçam um pouco a respeito dos artistas e obras envolvidos na Semana de 22, assista com eles ao programa documental exibido em comemoração aos 40 anos da TV Cultura, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GRKio1yJeXA>> (acesso em: 10 set. 2020). Em seguida, leia com eles o artigo publicado em 1997 na *Folha de São Paulo*, que inclui trechos de cartas indicando, como Marisa Lajolo sinaliza na obra, que a relação entre Lobato e os Modernistas era mais ambígua do que pode parecer à primeira vista, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fol/cult/cx043829.htm>> (acesso em: 10 set. 2020).
4. Um dos aspectos mais ressaltados por Marisa Lajolo é a maneira como o Monteiro Lobato, editor, orientava, muitas vezes, as escolhas do Monteiro Lobato, escritor. De fato, Lobato transformou a história do mercado editorial do Brasil ao inovar na forma de produção e distribuição das obras, alcançando sucessos de vendas com suas estratégias inventivas. No site oficial do autor, é possível encontrar uma linha do tempo bastante completa a respeito da trajetória do Lobato editor, que inclui trechos de cartas, fotos e imagens de capas de livros. Disponível em: <<http://www.monteirolobato.com/linha-do-tempo/1918-1925-lobato-editor>> (acesso em: 10 set. 2020). Estimule os alunos a explorar a linha do tempo.

5. O tino de Monteiro Lobato para os negócios fez com que o autor se aventurasse também em uma experiência publicitária, em uma parceria com o farmacêutico Candido Fontoura, companheiro de redação do jornal *Estado de São Paulo*. Lobato contribuiria para o lançamento do *Biotônico Fontoura*, um dos medicamentos mais antigos em circulação no Brasil. O autor teria sugerido o nome do medicamento, criado sua marca, desenhado seu rótulo e os primeiros cartazes. Além disso, concebeu o *Almanaque Fontoura*, voltado para o público infantil. A publicação incluía o conto Jeca Tatuzinho, em que o icônico personagem Jeca Tatu se transforma em um vigoroso e bem-sucedido *self made man* depois de começar a tomar o Biotônico. Analise com os alunos esse *fac simile* em pdf de *Jeca Tatuzinho*, observando como Lobato usa a literatura para fazer *merchandising* do produto, e mostre a eles algumas peças publicitárias do Biotônico Fontoura, que podem ser encontradas em *sites* como <<http://lounge.obviousmag.org/proparoxitonas/2013/04/jeca-tatu-biotonico-fontoura-e-publicidade.html>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=U13zcXzRvy4>> e <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/01/biotonico-fontoura-mais-de-100-anos-com.html>> (acessos em: 10 set. 2020).
6. No capítulo 9, Marisa Lajolo discorre a respeito da escrita do livro *O Presidente Negro* ou *O choque de raças*, publicado em forma de folhetim por Monteiro Lobato em 1926, e recusado por todos os editores norte-americanos a quem apresentou o trabalho. A obra, a que o próprio autor se refere, em uma carta, como *ovo do escândalo*, possui um enredo que dramatiza muitas das teorias eugenistas que floresciam na época de Lobato, e com as quais o autor possuía bastante familiaridade. Como a própria Marisa Lajolo fala em uma conversa com Lília Schwarcz (disponível em: <www.youtube.com/watch?v=zpTRzRT4DOg>), a principal discussão que pode ser feita a partir da obra de Monteiro Lobato hoje é a discussão do racismo – uma questão das mais urgentes e traumáticas da sociedade brasileira: a população negra segue até hoje sendo excluída de muitos espaços de liderança (como a esfera judiciária, por exemplo), sendo vítima de violentas operações policiais. Para discutir a questão do racismo em Lobato na sala de aula, sugerimos que comece pela leitura de um contundente artigo de Ana Maria Gonçalves, uma das maiores autoras da literatura contemporânea brasileira e expoente e porta-voz das literaturas de matriz africana no país, disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ana-maria-goncalves-lobato-nao-e-sobre-voce-que-devemos-falar/>> (acesso em: 10 set. 2020). Para aprofundar a discussão sobre a obra *O choque de raças*, pode ser interessante também assistir com a turma a essa análise da obra feita pela professora e doutora em história Paula Habib em sua fala no fórum *Direito e literatura*, organizado pelo curso de direito da UNIFAGOC, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=LmWByhaJmUw> (acesso em: 10 set. 2020).
7. Para compreender melhor de que maneira as ideias de eugenia estavam fortemente presentes no contexto histórico em que Monteiro Lobato viveu e escreveu, sugerimos que o professor assista com os alunos ao documentário *Menino 23: infâncias perdidas no Brasil*, dirigido por Belisário Franca, baseado na tese de doutorado do historiador Sydney Aguilar, que fez uma série de descobertas cruciais a partir do momento em que, enquanto dava aula a respeito do nazismo alemão, uma de suas alunas lhe revelou que existiam uma série de tijolos com suásticas em uma fazenda de sua família no interior de São Paulo. O documentário encontra-se disponível em: <www.youtube.com/watch?v=rYSspBodYSQ> (acesso em: 10 set. 2020). Embora valha muito a pena assistir ao filme na íntegra, o trecho que vai do minuto 11 ao 19 é especialmente relevante para contextualizar o período. É interessante também visitar o *site* do filme, <www.menino23.com.br>, que possui, entre outros materiais, um artigo de Sydney Aguilar sobre Monteiro Lobato: <www.menino23.com.br/2015/10/27/midia-e-preconceito-a-importancia-de-ler-e-criticar-monteiro-lobato/> (acessos em: 10 set. 2020).
8. No último capítulo do livro, Marisa Lajolo aponta como sinal de um *realinhamento ideológico* de Monteiro Lobato o fato do escritor ter sinalizado uma admiração por Luís Carlos Prestes, que em 1945 seria eleito senador pelo PCB, Partido Comunista Brasileiro. Para que os alunos compreendam melhor quem foi essa importante figura histórica, assista com eles a esse episódio de pouco mais de 13 minutos do *Show de história*, do Canal Futura, em que os dois atores-apresentadores recebem uma visita de Prestes fazendo uso de uma máquina do tempo, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ZkERvqBfCrc> (acesso em: 10 set. 2020). Depois de encontrar o jovem Prestes encarnado por um ator, se os alunos sentirem curiosidade de escutar o depoimento do próprio

Prestes, aos 90 anos, sugira que assistam a essa entrevista no Programa do Jô Soares em 1988, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=oOqAZDFazec> (acesso em: 10 set. 2020).

- *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp.
- *O poeta do exílio*. São Paulo: FTD.

DICAS DE LEITURA

Da mesma autora

- *Reinações de Monteiro Lobato*: uma biografia, de Marisa Lajolo e Lilia Moreira Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Histórias de quadros e leitores*. São Paulo: Moderna.
- *A formação da leitura no Brasil*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. São Paulo: Editora Unesp.

Do mesmo gênero

- *Três vezes Machado de Assis*, de Ubiratan Machado. São Paulo: Ateliê Editorial.
- *Lima Barreto: triste visionário*, de Lilia Moreira Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*, de Joel Rufino dos Santos. Rio de Janeiro: Garamond.
- *Pagu: vida-obra*, de Álvaro de Campos. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Tarsila: sua obra e seu tempo*, de Aracy A. Amaral. São Paulo: Editora 34 e Edusp.